

Senhor Ministro da Ciência, da Tecnologia e do
Ensino Superior
Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa
Senhor Presidente da Academia Brasileira de Letras
Senhores Professores Arantes de Oliveira e
Dias Farinha, Secretário
Geral da Academia
Ilustres Académicos do Brasil e de Portugal
Minhas Senhoras e Meus Senhores

1. As minhas primeiras palavras são para agradecer, ao Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Prof. Doutor Pina Martins, meu ilustre Amigo, o honroso convite que me dirigiu para proferir uma conferência nesta histórica sessão.

Quero ainda saudar, com admiração e respeito, os nossos eminentes confrades brasileiros, onde conto excelentes amigos, que tanto nos honram com a sua presença. O estreitamento das relações entre as duas Academias - e um maior contacto intelectual entre os académicos dos dois lados do Atlântico - representa um contributo da maior relevância para o aprofundamento das relações, ao mais alto nível, que é o do conhecimento, entre as duas nações irmãs.

2. Pediram-me para abordar, nesta minha necessariamente breve intervenção, um tema da maior abrangência - "História e Cultura nas relações entre o Brasil e Portugal" - relações extremamente intensas e complexas, com naturais altos e baixos, que marcaram, e marcam, de forma indelével, os nossos Estados e Povos, ao longo dos últimos quinhentos anos.

Compreendo que ao me ser sugerido um tema tão amplo - onde cabe tudo - houve a intenção de me dar margem para vos falar, com total liberdade, do que me parecesse mais significativo, nas nossas relações históricas, numa perspectiva actual, mas sem, naturalmente, esquecer as nossas raízes comuns. Assim tentarei fazer.

3. Começo por vos dizer, por forma directa e com absoluta autenticidade, que adoro o Brasil. Desde pelo menos, 1970, quando o visitei pela primeira vez. O Povo, o génio desse Povo miscegenado, de tão variadas faces e condições e, ao mesmo tempo, uno, bem integrado na sua terra, de extrema criatividade e de surpreendente energia vital, com uma alegria, que se manifesta mesmo nas situações mais difíceis. Também a sua tão original e rica Cultura - nas Artes, nas Letras, nas Ciências, na Música - e as suas exuberantes paisagens, de impressionante beleza e fortes contrastes, da floresta Amazónica ao sertão, do Pantanal, às grandes megalópoles, como São Paulo ou o incomparável Rio de

Janeiro ou às pequenas cidades de nome português, de Minas, ao Nordeste, da Amazônia ao Rio Grande do Sul...

4. Desde esse ano distante - 1970 - em que fui pela primeira vez ao Brasil e passei um Carnaval no Rio, muito antes do Sambódromo e de conhecer o Brizola e o Darcy Ribeiro - quase todos os anos voltei, fascinado, pela atracção do Brasil - a gente e a terra -, às vezes mais do que uma vez, cada ano, tendo percorrido esse país-Continente, em múltiplas direcções, feito inúmeros amigos, nos meios intelectuais, políticos, artísticos e também entre os portugueses que vivem no Brasil - os mais nacionalistas dos brasileiros - que continuam a animar essas prodigiosas instituições de solidariedade social, dispersas por quase todo o País, as Misericórdias, as Beneficiências e os Gabinetes de Leitura.

Acompanhei, com constante atenção, a evolução da vida política e cultural brasileira, o seu prodigioso desenvolvimento económico e tecnológico, apesar de algumas chocantes assimetrias sociais, que persistem, o seu crescimento demográfico e prestígio internacional, cada vez maiores, tendo conhecido pessoalmente todos os Presidentes da República, desde os tempos da Ditadura Militar, Geisel e João Figueiredo, que aliás visitou oficialmente o Portugal de Abril e, depois de instalada a Democracia, todos, sem excepção, desde o saudoso Presidente Tancredo Neves até ao Presidente Lula da Silva, esse fenómeno sociológico e paradigmático, que de moço pobríssimo, vindo do Nordeste, chegou a São Paulo, e fez-se operário, depois, sindicalista e, pela força do voto popular, chegou a Presidente da República.

5. Adoro o Brasil, tal como ele é, com todas as suas fragilidades e contradições - mas também não ignorando as suas imensas potencialidades e progressos - um "país de futuro", realmente, sem retórica nenhuma, como escreveu há sessenta anos, com tanta visão, o grande escritor Stefan Zweig, num livro que continua tão actual, como o seu notável biógrafo brasileiro, Alberto Dines, nos ensina no seu belo livro "Morte no Paraíso". Adoro o Brasil, principalmente, como português de gema, que me prezo de ser. Porque o Brasil representa para Portugal - hoje e sempre - o máximo dos orgulhos.

Digo o máximo dos orgulhos, para Portugal, um país que viajou pelo Mundo inteiro, que foi o primeiro a chegar ao Japão, que esteve e ficou longo tempo na China, que construiu um Estado na Índia, que, num certo momento histórico, dominou o Oceano Índico, tendo levantado a fortaleza de Ormuz, para controlar a entrada no Mar Vermelho, edificou fortes nas duas costas de África, que ainda lá estão, onde deixou países hoje independentes, de língua portuguesa - Moçambique, Angola, São Tomé, Guiné e Cabo Verde, sem esquecer, na Ásia, Timor Leste e o território especial (autónimo) de Macau.

Por isso tenho defendido, em diversas ocasiões, que se devia facilitar aos estudantes portugueses, que terminam o liceu, uma viagem ao Brasil, para aí aprenderem a sentir o orgulho imenso de ser português - um país pequeno, com uma história multissecular extraordinária - sem razão para ter quaisquer complexos em relação aos nossos parceiros europeus...

6. Aliás, antes de ter conhecido fisicamente o Brasil, desde muito jovem, portanto, já eu me sentia profundamente brasilófilo, por via de meu Pai e das descrições e conversas com os seus amigos, alguns com longas estadias e muito conhecimento das terras de Santa Cruz. Antes de todos, o insigne historiador Jaime Cortesão, exilado anos a fio no Brasil, que tanto estudou a sua história, desde a "nova do achamento", cuja Carta de Pero Vaz de Caminha, republicou, anotou e comentou, à chamada "política do sigilo", ao relacionamento dos jesuitas e dos franciscanos com os tupi-guaranis, à gesta dos bandeirantes até à obra monumental "Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid". Jaime Cortesão,

de que fui tão próximo, nos anos finais da sua vida, bem como da sua Família e do seu genro, o grande poeta da língua portuguesa, Murilo Mendes.

Depois, Rodrigues Lapa, outro sábio professor exilado por Salazar, que escreveu a "História da Inconfidência Mineira". Livro que não foi estranho à reabilitação histórica de Joaquim José da Silva Xavier o Tirandentes - herói do Brasil e, portanto, também herói de Portugal - que promovi, em 7 de Setembro de 1994, na Embaixada do Brasil, em Lisboa, em estreita cooperação com o meu querido amigo José Aparecido de Oliveira, então embaixador do Brasil em Lisboa. O Tirandentes, português e brasileiro, enforcado e depois esquartejado à ordem de D. Maria I, que Cecília Meireles chamou o "animoso alferes" em versos de rara beleza:

"Cavalga nas núvens,
 por outros padece.
 Agarra-se ao vento...
 Nos ares se perde...
 (e um negro demónio
 seus passos conhece:
 fareja-lhe o sono
 e em sombras persegue
 o audaz, o valente,
 o animoso alferes)."

Também não devo esquecer João de Barros, poeta e Ministro da I República, arauto da amizade luso-brasileira, que acompanhou o Presidente António José d'Almeida na sua histórica visita ao Brasil, em 1922, quando, em nome de Portugal, foi "agradecer aos brasileiros terem-se tornado independentes", no primeiro centenário desse evento. E tantos outros, como Nuno Simões, cujo escritório era uma espécie (clandestina) da embaixada brasileira em Lisboa, no tempo da Ditadura, Ferreira de Castro, o tão injustamente esquecido autor da "Selva" e dos "Emigrantes", Miguel Torga e por aí adiante...

7. Lembro os portugueses ilustres e generosos que, por combaterem a Ditadura, foram obrigados a expatriar-se e carinhosamente acolhidos na Pátria Irmã, que visitei, um a um, da primeira vez que fui ao Brasil: Jaime de Moraes, Moura Pinto, os irmãos Sarmiento Pimentel, Oliveira Pio, Palma Inácio, Francisco Cachapuz, que usou o nome literário de Paulo de Castro, Adolfo Casais Monteiro, Jorge Sena, Agostinho da Silva meu inesquecível professor, Fernando Lemos, o grande pintor e fotógrafo do surrealismo. E outros que lá viveram exilados, tantos anos, como o meu fraterno amigo, o historiador Joaquim Barradas de Carvalho, Castro Seromenho, a escritora Maria Archer, os grandes cientistas Ruy Luis Gomes, Aniceto Monteiro, Zaluar Nunes, José Morgado, bem como, ainda, outros resistentes à Ditadura, que chegaram ao Brasil em sucessivas levas, que me vêm à memória, tais como: Humberto Delgado, Henrique Galvão, Pedroso Marques, Roberto das Neves, Miguel Urbano Rodrigues, António Amorim, Victor Cunha Rego... Trata-se de uma dívida imensa de Portugal para com o Brasil, que não tem preço, e me permiti evocar quando foi do triste episódio dos dentistas brasileiros, em Portugal, hoje, felizmente, resolvido.

8. Há dias tive o gosto e a honra de receber em Lisboa o Presidente Fernando Henrique Cardoso e de apresentar o seu recente livro, "A Arte da

Política". O livro que lançou em Portugal e que é muito interessante, porque entre outras razões, curiosamente, traduz uma tensão dialética permanente entre o cientista político, de méritos internacionalmente reconhecidos, que Fernando Henrique foi, e é - professor emérito da Universidade de São Paulo e actual da Universidade de Brown - e o interventor e militante político, que também foi, desde a campanha das "Directas já" - e depois senador, ministro das Relações Exteriores, da Fazenda e duas vezes eleito Presidente da República. No fundo, a "História que vivi", que é o sub-título do livro.

Pois bem, sendo Fernando Henrique Cardoso, tão amigo de Portugal e descendente de portugueses, citou no seu livro uma frase do insigne historiador marxista, Caio Prado Junior, utilizando uma fórmula arrasadora para Portugal: "latifúndio, burocracia imperial e escravidão: eis o retrato do Brasil colonial" O que representa parte da verdade, que não será, porventura, a mais significativa...

9. Não serei eu, que tenho responsabilidades na descolonização das nossas colónias de África e da Ásia (Timor e Macau), após a Revolução dos Cravos - descolonização que não tendo sido "exemplar", porque foi tardia, feita depois de treze anos de cruentas guerras em três territórios, era absolutamente necessário terminar - foi rápida, inequívoca e a possível, na época, não serei eu, dizia, que irei agora exaltar o colonialismo português ou, muito menos ainda, a escravidão. No entanto, a citação de Caio Prado chocou-me, por ser redutora e apreciar os eventos fora do seu contexto temporal próprio. O relacionamento de Portugal com o Brasil, em toda a fase colonial, não se pode resumir "ao latifúndio, à burocracia e à escravidão". Burocracia e escravidão, aliás, que se prolongaram, longos anos depois da independência.

10. A fusão dos índios, dos africanos, trazidos à força como escravos, é verdade, e dos brancos - e não só os portugueses, como é óbvio, mas também muitos europeus, asiáticos e árabes, conforme as épocas - deve-se à maneira como a administração portuguesa soube amalgamar toda a população e construir um país unido, pela mesma língua e por muitos valores comuns. A "civilização do afecto", como escreveu alguns Agustina Bessa-Luís, que foi espalhada pelo "Mundo que o português criou", se me permitem utilizar o título de um livro célebre de Gilberto Freyre.

Trabalho que começou com os missionários, principalmente os jesuítas, que paradoxalmente continuou no tempo do Marquês de Pombal e que se intensificou com a vinda - ou a fuga - de D. João VI para o Brasil. Facto singularíssimo e sem paralelo na história do colonialismo mundial. Estratégia que não foi tão improvisada como alguns julgam e que transportou para o Brasil a Corte, com cerca de quinze mil pessoas (alguns chegaram pelos seus próprios meios), em dezasseis navios portugueses, com a protecção de quatro corvetas inglesas e que levou mais de dois meses a atravessar o Atlântico.

Ainda na Baía, onde chegou primeiro, D. João VI "abriu os portos brasileiros às nações amigas", o que trouxe uma prosperidade inusitada e imensa ao Brasil. E, pouco depois, situou a capital do império no Rio de Janeiro, criando um facto político totalmente inesperado, jamais ocorrido, de uma colónia "virar" metrópole (para empregar a palavra usada no léxico brasileiro) e a metrópole "virar" colónia, embora nunca se assumisse como tal.

11. Os doze anos que decorrem de 1808 a 1820 foram de intensa mutação na Europa e anos de grande desenvolvimento para o Brasil. Em 1820 deu-se a Revolução Liberal no Porto, contra Beresford. Depois de expulsos os franceses chegara a altura de sacudir a tutela inglesa. Mas a revolução liberal e as Constituintes criaram problemas ao Brasil, então orgulhosa sede do império, que não estava tão à deriva como se pretende. O Brasil, estava a viver uma transformação irreversível, nos planos económico, político e, sobretudo, das

mentalidades. Foi, nesses anos, que conquistou, verdadeiramente, a sua identidade nacional, um salto político e psicológico imenso.

Surgem então, à luz do dia, os primeiros conflitos entre os "brasileiros" e os "portugueses", sendo que os primeiros eram, na sua maioria, portugueses nascidos no Brasil. Além disso, esses anos, consolidaram, apesar das guerras e dos conflitos fronteiriços, a unidade territorial do Estado ajudada pela unidade da língua e pela "burocracia" político-administrativa do império. Mas o império, no novo mundo, era qualquer coisa de insólito, embora gratificante para os brasileiros, ou melhor dito: para os portugueses que se começavam a sentir como tais.

D. João VI, dissimulado, manhoso hesitante ou demasiado prudente mas inteligente, sentia-se bem no Brasil, protegido e respeitado, apesar das ambições, conflitos e intrigas, que cresciam à sua volta, fomentadas, em parte, pela sua diabólica mulher, Carlota Joaquina, irmã do Rei de Espanha, Fernando VII, fixada na ideia de integrar e dominar as colónias espanholas do Rio da Prata, terem criado a D. João VI muitas dores de cabeça...

Mas os liberais queriam-no de volta a Portugal, ameaçando proclamar a República se assim não acontecesse. De resto, os deputados constituintes actuavam como se a capital do império continuasse a ser Lisboa. Manifestavam uma incompreensão só explicável pela distância, à cerca das grandes transformações de mentalidade ocorridas no Brasil. Aliás, os deputados, eleitos pelo Brasil, que se deslocaram a Portugal, quando chegaram já a Constituição estava praticamente feita. Resultado, dos sessenta que vieram só um a assinou. Todos os outros se recusaram a fazê-lo! Obviamente.

12. O regresso do Rei, contra a sua vontade, em 25 de Abril de 1821, provocou um fundo descontentamento na população. Era o fim de muitos privilégios perdidos pelo Brasil, o que não era naturalmente aceite pelos brasileiros. Houve manifestações e escaramuças, algumas graves.

Valeu o príncipe herdeiro, D. Pedro. Idealista, valente, generoso, um pouco estouvado, o futuro D. Pedro I, imperador do Brasil e que não chegou a ser o IV de Portugal, de cujo reino abdicou, em favor da filha, futura D. Maria II, então com quatro anos. Veio depois a deriva miguelista, que pôs em causa a Revolução liberal. D. Pedro voltaria a Portugal, como regente, em nome da Carta Constitucional, por ele outorgada, e da Liberdade. Mas mais tarde!

13. O descontentamento da população explodiu no País irmão, em Janeiro de 1822, um mês após terem chegado ao Rio as notícias da destituição do regente D. Pedro, situação em que se encontrava no Brasil desde a partida de seu Pai, D. João VI. As Cortes, em Portugal, que continuavam a ver o Brasil como colónia, suscitaram, como reacção normal, a revolta popular. Foi então que D. Pedro se dirigiu aos manifestantes do Rio de Janeiro e disse as palavras esperadas: "Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto; digam ao Povo que fico". O Fico, foi o começo da independência do Brasil, sem efusão de sangue, entre aplausos e festas.

No entanto, as forças militares portuguesas no Brasil reagiram, o que só veio trazer maior popularidade a D. Pedro. É então que entra em cena a grande figura político-administrativa brasileira da época: José Bonifácio de Andrada e Silva, que iria tentar tornar cidadãos os índios e substituir a escravatura pela liberdade de trabalho.

D. Pedro viajou por Minas Gerais e depois por São Paulo, a consolidar a sua posição. Na manhã de 2 de Setembro de 1822, encontrava-se nas margens do Ipiranga, onde lhe comunicaram, da parte de José Bonifácio, notícias vindas de Portugal, que exigiam, mais uma vez, o seu regresso. Então, percebeu que era

chegado o momento de dar o passo decisivo. Desembainhou a espada e exclamou: "É tempo. Laços fóra. Independência ou morte". Consumou-se assim, a separação definitiva dos dois Reinos do Brasil e Portugal. Mais uma vez sem efusão de sangue, entre vivas e a alegria popular.

14. A independência separou transitoriamente, os dois Povos e Estados. E não foi isenta de dificuldades. Portugal atravessava, uma crise profunda com a aventura miguelista, a guerra civil, depois do desembarque do Mindelo, o regresso de D. Pedro, como regente, e, finalmente, a vitória liberal, em 1834, e obviamente, a perda do Brasil, a jóia da Coroa. Consolidado o regime liberal, com a Regeneração, em 1851, foi graças à emigração em massa dos portugueses para o Brasil que, em parte, no século XIX, o Brasil voltou a dar um poderoso contributo a Portugal para ultrapassar a crise. O Tratado de 1925, entre o Brasil, Portugal e a Inglaterra tinha também ajudado Portugal a restabelecer as relações.

15. Entretanto, a situação de D. Pedro, como imperador do Brasil, dado o seu temperamento errático e as suas ardentes aventuras amorosas, tornaram muito difícil o seu relacionamento com o Parlamento. Em 7 de Abril de 1831 abdicou do trono em favor de seu filho Pedro II, menor, criando-se uma regência de três governantes. D. Pedro I voltou à Europa e, mais tarde, a Portugal, onde, como regente, em nome da filha, restaura a liberdade e, pouco depois, viria a morrer extremamente jovem. Uma personalidade de fortes contrastes, romântica e apaixonante, cuja vida daria um romance. Telenovelas, mais ou menos parciais, já houve...

16. Mas basta de História. As relações entre Portugal e o Brasil normalizaram-se rapidamente e a afectividade funcionou, graças ao "homem cordial", brasileiro e português... As relações económicas, culturais e humanas entre os dois Povos intensificaram-se no decurso do séc. XIX. Coimbra, durante um certo tempo, foi uma referência para as elites intelectuais brasileiras. Os nossos grandes escritores - mais Eça do que Camilo, curiosamente - exerceram fortíssima influência no Brasil. Um dos melhores biógrafos de Eça é o brasileiro, Viana Moog.

17. O Brasil proclamou a República em 15 de Novembro de 1889, apesar da bondade do velho imperador D. Pedro II, que morreria em Paris. Dois anos antes da primeira tentativa (frustrada) republicana feita no Porto, em 31 de Janeiro de 1891, justamente após a crise do Ultimatum inglês, desta vez por causa do "mapa cor de rosa" - a tentativa portuguesa de ocupação dos territórios africanos, entre Angola e Moçambique, chocar com a política inglesa de Cecil Rhodes de estabelecer um corredor entre as cidades do Cabo (África do Sul) e do Cairo (Egipto).

A monarquia, em Portugal, ficou ferida de morte com o ultimato inglês e com a tímida reacção do Governo Português. Em 1908 deu-se o regicídio (com a morte de D. Carlos e do Príncipe herdeiro, D. Luis Filipe) e, logo depois, a Revolução de 5 de Outubro de 1910, vitoriosa, proclamou-se a República. Curiosamente, encontrava-se em Lisboa, o Presidente eleito da República do Brasil, Hermes da Fonseca, que quando chegou foi recebido pelo Rei D. Manuel II e à despedida já foi acompanhado por Bernardino Machado, futuro Presidente e então Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório da I República.

18. A partir de então começa a contemporaneidade nas relações entre Portugal e Brasil. Situados em Continentes diferentes, os dois Estados seguiram caminhos necessariamente distintos, conservando entre si, sempre, sobretudo entre os nossos Povos, relações extremamente afectivas, mas frequentemente retóricas, sem grande consistência prática.

Já falei da visita do Presidente António José d'Almeida ao Brasil em 1922, um ano depois da independência, que Portugal celebrou com júbilo e fraternidade. Fizeram-se então planos para estreitar as relações, vantajosas para ambas as partes, como aconteceria mais tarde, quando em 1940, Portugal comemorou o duplo centenário da Independência (1140) e da Restauração (1640). Mas as circunstâncias políticas, endógenas e exógenas, foram mais fortes do que a vontade sincera dos responsáveis. Portugal entrara na I Grande Guerra Mundial, e saíra dela com feridas graves, de ordem humana e económica, que conduziriam a um período turbulento e agónico para a I República.

19. A ascensão dos regimes autoritários na Europa, do post-primeira guerra (1914-1918), que se consolida com o advento dos fascismos em Itália (Mussolini), em 1923 e do nazismo na Alemanha (Hitler) em 1933, e a Revolução Soviética, que foi anterior, em 1917 e a sua deriva totalitária, influenciaram muitos países na Europa e no Mundo. Em Portugal, a revolta militar de 28 de Maio de 1926, daria lugar à Ditadura Militar, com Salazar (ministro das Finanças, em 1928, e Presidente do Conselho de Ministros, ditador efectivo, em 1932) e depois, em 1933, ao chamado Estado Novo - um regime ditatorial, com uma cobertura jurídica meramente formal, em sequência da inspiração que fora a ditadura de Primo de Rivera, em Espanha (1923-30).

No Brasil, o advento do Estado Novo, veio com Getúlio Vargas (Presidente da República, não eleito, em 13 de Novembro de 1930), em consequência de um movimento militar. Vargas prescindiu, aliás, do Parlamento, o qual vigorava - note-se - desde a Constituinte de 1823!

20. Mas o Estado Novo brasileiro foi muito diferente do Estado Novo português. De comum quase só tiveram o nome. Vargas e Salazar foram políticos com personalidades muito diversas. Penso que nunca se terão encontrado, pessoalmente. Vargas, com uma percepção das transformações sócio-políticas e um espírito de grande adaptabilidade política, aos chamados "ventos da história", contrastava com a rigidez autoritária de Salazar, alérgico à mudança. Vargas entrou na II Grande Guerra ao lado das Democracias - embora na fase final. E Portugal ficou "neutral" e isolado do "mundo novo" que se preparava com o final da guerra, apesar da farsa da chamada "democracia orgânica". Getúlio Vargas teve sempre uma enorme sensibilidade para as questões sociais e soube evoluir para a democracia e o trabalho. Enquanto Salazar ficou até ao fim do seu longo consulado, igual a si próprio, um ditador absoluto, impenetrável ao progresso, que permitiu simples retoques de fachada - só de fachada! - para facilitar, aos americanos e aos ingleses, assegurar a sua sobrevivência...

Salazar e Franco foram salvos no post-guerra pela "guerra fria". Alimentaram o medo do comunismo, a que os dirigentes do Ocidente foram demasiado sensíveis, protegendo sempre, às vezes envergonhadamente, os ditadores ibéricos. Foi o que tenho chamado a "grande traição do Ocidente" para com todos aqueles, espanhóis e portugueses, que se bateram, durante a guerra, em várias frentes, pela Democracia e pela Liberdade. E tantos foram.

21. No entanto, apesar das vicissitudes históricas - e das diferenças de regime - ao longo dos anos do século XX, Brasil e Portugal souberam sempre entender-se, consolidando o seu relacionamento mútuo, embora por se situarem em continentes diferentes estivessem condicionados por correntes geo-estratégicas - e obrigações políticas - também diversas.

Curiosamente, qualquer que fosse o regime político vigente, em cada um dos Estados, o outro acolheu sempre, cuidadosamente, os exilados políticos, que se cruzaram no Atlântico, em sentidos diferentes.

22. A Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974, apanhou o Brasil em plena Ditadura Militar, iniciada em 1964. Lembro-me de ter aqui, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros do I Governo Provisório da II República, como embaixador do Brasil, o general Fontoura, antigo chefe da polícia política brasileira. Mas portou-se excelentemente, com o maior fair play e simpatia por Portugal. Mesmo num almoço que ofereci a Kurt Waldeim, então Secretário Geral das Nações Unidas, em visita a Portugal, quando as regras politicamente cegas do protocolo sentaram o general Fontoura ao lado do Dr. Álvaro Cunhal, então ministro sem pasta...

Deu-se nessa altura um movimento inverso dos exilados portugueses no Brasil: os democratas regressaram a Portugal ou passaram a visitar-nos com frequência e alguns dos partidários do regime ditatorial deposto, fixaram-se no Brasil, a começar por o antigo Presidente Thomaz e por Marcelo Caetano. Alguns outros políticos e empresários assustados fugiram depois para o Brasil, sem razão, como os acontecimentos posteriores demonstrariam. Empenhei-me pessoalmente no seu regresso, porque sempre pensei que em Democracia há lugar para todos, desde que não se oponham, pela violência, ao Estado de Direito.

23. A Revolução dos Cravos foi saudada com o maior entusiasmo em todo o Ocidente e mesmo nos países de Leste. O Brasil, como a Espanha, que realizaria a sua transição política negociada, dois anos depois - Franco morreu em 20 de Novembro de 1975 - foram porventura os países que mais vibraram com a reconquista da liberdade em Portugal.

A Revolução dos Cravos foi um corte cerce, uma profunda ruptura com o regime anterior, que implicou a destruição do Estado Corporativo, Autoritário e Colonial. Influenciou, de resto, extraordinariamente, as transições democráticas que se lhe seguiram, tanto na Europa Ocidental (Grécia e Espanha) como em tantos países da América Latina, nos anos oitenta, incluindo o Brasil. Samuel Huntington, o bem conhecido politólogo americano, escreveu-o no seu famoso livro "A terceira vaga democrática", com bastante ênfase.

24. A Revolução de Abril abriu, contudo, uma crise profunda em Portugal que implicou a destruição das principais instituições da Ditadura, a paz onde estávamos em guerra e a descolonização, feita com impressionante rapidez, de todas as colónias portuguesas. Hoje são todos países independentes, de fala portuguesa e pertencem à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Foi uma crise só comparável com a que ocorreu em Portugal após a Revolução Liberal, em sequência das invasões francesas e da guerra civil, que se lhe seguiu, entre liberais e absolutistas (miguelistas).

A normalização democrática, que ocorreu, em Portugal, após as eleições para a Constituinte (Abril de 1975) e as Legislativas (Abril de 1976, abriu o caminho para a negociação da adesão de Portugal à então CEE, que se concretizou em Janeiro de 1986, embora o Tratado de Adesão, em simultâneo com a Espanha, tivesse ocorrido em 12 de Junho de 1985. Mas teve também um efeito internacional de suma importância, que beneficiaria toda a Ibero-América. Convenceu os americanos e os europeus que a destruição de uma velha ditadura fascizante, como a portuguesa, podia não ter consequências no equilíbrio de forças mundial, porque não significaria que o Estado, liberto da Ditadura, caísse, necessariamente, na esfera de influência soviética. Porque - cito uma frase da época proferida por André Malraux: "Os socialistas portugueses provaram, ao Mundo, que os mencheviques são capazes de vencer os bolcheviques". Efectivamente, pela primeira vez na história essa confrontação - de socialistas versus comunistas - que teve lugar em Portugal, no "verão quente" de 1975, teve um desfecho feliz, em favor da liberdade. Teria bloqueado muitas evoluções democráticas, no mundo inteiro, se assim não tivesse acontecido...

25. Os tempos mudaram profundamente. O mundo, com uma globalização desregulada, que cada vez gera mais pobres, excluídos e revoltados, incapaz de resolver os problemas ecológicos, que põem em causa a própria sobrevivência da Humanidade, como o notável filme de Al Gore, a Verdade Inconveniente, demonstra, por forma impressionante, à beira de um conflito de civilizações, que é necessário evitar, com a ameaça do "terrorismo global", que importa combater com inteligência e não tão só pela força bruta, com o dinheiro sujo, instalado nos fluxos financeiros mundiais, a criminalidade internacional organizada e impune, a droga, o tráfico ilegal de armas, de prostituição e de órgãos humanos, a proliferação nuclear incontrolada - este nosso mundo, no início do Séc. XXI, que nasceu entre tantas esperanças e promessas, está inquietante, sem rumo e, por isso, muito perigoso. Mas é nele que temos de viver e lutar, pelos nossos valores comuns. Tanto portugueses como brasileiros.

26. Portugal e Brasil deram saltos impressionantes, com o advento da Democracia e do Estado de Direito. Digam o que disserem os pessimistas, tanto no Brasil como em Portugal, com a habitual descrença e maledicência, quanto a nós próprios, que, infelizmente, é tão habitual nas nossas duas culturas.

Portugal há vinte anos integrado, de pleno direito, na então CEE, hoje União Europeia, está irreconhecível, como os nossos eminentes confrades podem verificar se viajarem, um pouco que seja, por Portugal. Obviamente temos as nossas dificuldades de carácter financeiro e outras, criadas sobretudo nos últimos anos. Mas estamos a lutar resolutamente para sair delas, com as resistências que são naturais e até salutares em democracia.

Na Europa, temos o nosso lugar, a nossa influência e o nosso prestígio. Não sejamos nós a desfazê-los! O salto que demos não só no plano material - que é visível - mas, sobretudo, nas mentalidades, que estão mais abertas, o que é importante num país periférico, em termos europeus, na preparação das nossas elites científicas, tecnológicas, intelectuais e artísticas. É indiscutível. Temos excelentes Universidades que ombreiam com as europeias e as americanas, como os universitários brasileiros muito bem sabem e estamos a encaminhar os nossos jovens para a sociedade de conhecimento, que aí está e não devemos ignorar.

26. O Brasil é hoje um Estado emergente, um dos quatro gigantes mundiais, que o mundo dos próximos anos não poderá desconhecer. Numa Ibero-América em plena ebulição, a caminho de se afirmar, com autonomia económica, política e um certo desejo de integração, perante o grande vizinho do norte, o Brasil, candidato, de pleno direito, a um lugar de membro permanente no Conselho de Segurança da ONU, não se pode alhear da sua inevitável liderança, na igualdade, entre os países ibero-americanos.

Apesar das bolsas de miséria que ainda existem no Brasil. É verdade. Por isso é fundamental a insistência em políticas sociais coerentes que abram o caminho - como é razoável e possível - para sociedades de "bem estar", que são bem mais importantes, para a estabilidade e o crescimento sustentado dos países, do que o aumento do PIB, medido em termos abstractos, ignorando as desigualdades das pessoas em concreto, como está a acontecer em alguns países da Ásia, da América Latina e do Médio Oriente, tão elogiados pelos economicistas.

27. Em conclusão - e peço-vos desculpa de me ter alongado - Brasil e Portugal são países irmãos, integrados em organizações regionais diferentes, com estratégias de crescimento obviamente diversas, mas com pontos importantíssimos que nos unem: a nossa língua comum, a língua de Camões e de Machado de Assis, de Eça, Pessoa, Guimarães Rosa e Jorge Amado, que nos cumpre defender - sem rigidez, diga-se, porque são os Povos que fazem as línguas e que as agilizam; e a profunda afectividade que liga os nossos Povos.

Têm, além disso, evidentes vantagens recíprocas em desenvolver as suas relações bilaterais em todos os domínios.

Os investimentos são importantes, como sabemos, mas entram e saem, como também sabemos, enquanto que as relações que assentam num melhor conhecimento recíproco dos seus Povos, das suas Academias e Universidades e das suas Empresas têm outra consistência e durabilidade. Por outro lado, devem animar, concertadamente, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (a CPLP) - tão importante no futuro - que é do interesse dos nossos dois Povos desenvolver e acarinhar, com a nossa solidariedade. Lembremo-nos do Atlântico, um mar que fala muito português, se me permitem parafrasear Pessoa. Um Oceano que queremos que seja de paz e progresso.

E assim termino.

Felicito os organizadores desta memorável sessão e formulo os melhores votos pelo seu êxito e também para que encontros destes se repitam, porque daí só podem advir vantagens para todos.

Muito obrigado!

Academia das Ciências, Lisboa, 19 de Outubro de 2006